

Anita Leocadia Prestes

VIVER É TOMAR PARTIDO
MEMÓRIAS



© desta edição, Boitempo, 2019

© Anita Leocadia Prestes, 2019

Todos os direitos reservados.

As fotos e os documentos publicados neste livro fazem parte do arquivo particular de Anita Leocadia Prestes. Apesar dos esforços, nem sempre pudemos identificar os fotógrafos. Aguardamos, então, que se manifestem para dar-lhes o devido crédito.

Direção geral Ivana Jinkings

Edição Isabella Marcatti

Assistência editorial Pedro Davoglio

Preparação Mariana Zanini

Revisão Clara Altenfelder

Coordenação de produção Livia Campos

Capa Ronaldo Alves

Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio: Artur Renzo, Carolina Mercês, Clarissa Bongiovanni, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Joanes Sales, Kim Dória, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Talita Lima, Thais Rimkus, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P939v

Prestes, Anita Leocadia, 1936-

Viver é tomar partido : memórias / Anita Leocadia Prestes. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2019.
; 23 cm.

Apêndice

Inclui bibliografia

Inclui índice remissivo

ISBN 978-85-7559-728-6

1. Prestes, Luís Carlos, 1898-1990. 2. Prestes, Olga Benário, 1908-1942. 3. Partido Comunista Brasileiro - História. 4. Comunismo - Brasil - História. I. Título.

19-59512

CDD: 981.061

CDU: 94(81).082/.083

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: outubro de 2019

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

palácio, muito me impressionou, pois não ficava longe dos bairros da pobreza, com casas construídas sobre palafitas em zonas de manguezais.

Ainda em setembro de 1958 fomos ao Rio Grande do Sul, onde o PCB apoiava a candidatura de Leonel Brizola ao governo do estado. Embora o líder do PTB afirmasse que não aceitava apoio dos comunistas, foi com os votos deles que conseguiu eleger-se. Estivemos em diversas cidades: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, sendo Prestes recebido sempre com grande entusiasmo popular. Era curioso observar os discursos de Prestes afirmando que os comunistas apoiavam Brizola, independentemente da vontade dele: era o candidato das forças nacionalistas e democráticas, o único em condições de derrotar a candidatura das forças “entreguistas”¹⁰ e antipopulares. Nesse período Brizola recusava-se até mesmo a encontrar-se com Prestes. Nossa estada na capital gaúcha me deu a oportunidade de conhecer os numerosos parentes da minha avó Leocadia, que nos acolheram com amizade e carinho. Entre todos se destacava Alfredo Carlos Felizardo, primo-irmão do meu pai, que ofereceu importante ajuda durante os anos em que Prestes esteve preso.

De volta ao Rio, acompanhei o pai durante a campanha eleitoral para as eleições legislativas nesse estado e no Distrito Federal. Percorremos diversas cidades e inúmeros municípios fluminenses, assim como bairros da então capital da República. O PCB apoiava candidatos de outros partidos, desde que comprometidos com as posições nacionalistas e democráticas defendidas nos documentos do Partido. Recordo-me do apoio dado a Lutero Vargas, filho de Getúlio Vargas e candidato ao Senado pelo PTB, que, entretanto, não conseguiu se eleger.

Participar das viagens e das atividades políticas de meu pai me ajudou a conhecer os problemas enfrentados pelo nosso povo e a realidade do país, em particular a situação política daqueles anos. O convívio com Prestes e a permanente troca de opiniões com ele constituíram para mim verdadeiras aulas de brasilidade.

Estudante universitária e militante comunista

Em 1959, tendo eu solicitado ingresso nas fileiras do PCB e como, ao mesmo tempo, estava me preparando para entrar na universidade, fui orientada pelo Comitê Universitário da cidade do Rio de Janeiro – que dirigia as organizações de base (células do Partido) dos estudantes universitários comunistas¹¹ – a fazer parte de uma base de companheiros que estudavam e militavam na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Era uma base pequena, com

¹⁰ Expressão usada pelos comunistas brasileiros e outras forças de esquerda para designar os setores da vida nacional comprometidos com os interesses do capital estrangeiro.

¹¹ Até 1957 havia a Juventude Comunista do PCB que, com a crise provocada pelas denúncias feitas no XX Congresso do PCUS, fora dissolvida pela direção do Partido.

poucos militantes, mas bastante ativa. Participávamos de numerosas atividades: comandos nas favelas e nos bairros populares para distribuir ou vender o jornal e as publicações do Partido, campanhas eleitorais de candidatos apoiados pelos comunistas, festas populares, debates públicos de temas de interesse nacional etc. Promovíamos a exibição de filmes soviéticos e os camaradas da UERJ procuravam realizar trabalho de conscientização dos estudantes dessa universidade. Ao mesmo tempo, organizávamos o estudo coletivo de literatura marxista e discutíamos a orientação política do PCB.

Enquanto me preparava para ingressar na universidade, incentivada pelo pai, tive aulas de direção de carro com o camarada do Partido que trabalhava como motorista do Fusca que a direção partidária deixara à disposição de Prestes; devidamente treinada, passei nos exames para obtenção da carteira de motorista. Dessa forma, na ausência do motorista, podia ajudar meu pai. Quando meus irmãos vieram morar na casa de Botafogo, nosso pai gostava de sair conosco no tempo livre – comigo na direção do carro – para fazer algum passeio pelo Rio: as praias, a floresta da Tijuca ou visitar o Jardim Zoológico, situado na Quinta da Boa Vista.

Os primeiros dias na Escola de Química não foram fáceis. Muitos colegas, alguns deles vindos de famílias de empresários, influenciados pela propaganda anticomunista, se mostravam hostis e até mesmo se recusavam a me cumprir. Como eu tinha uma boa base de conhecimentos científicos adquiridos na educação soviética, não encontrei dificuldade em acompanhar o curso, tanto as aulas teóricas quanto as práticas. Havia dias que passávamos toda a jornada de estudos nos laboratórios, realizando experiências sob a supervisão dos professores. Pouco a pouco fui vencendo as barreiras e estabelecendo relações de camaradagem com os colegas. Para isso, foi importante minha atitude de estar sempre disponível a ajudá-los, algo que vivenciara na escola soviética. A partir do terceiro ano do curso na Escola de Química, nossa turma se dividiu: a maioria optou pela Engenharia Química, enquanto os demais, inclusive eu, escolhemos Química Industrial, conforme meu desejo desde o ingresso na faculdade. Nossa turma era composta de apenas nove alunos, entre os quais fiz algumas amizades; uma delas permanece até hoje.

Entre as minhas preocupações estava a de organizar uma base do Partido na Escola de Química, pois em grande parte das escolas superiores situadas no Rio essa meta já havia sido atingida. Tratava-se, contudo, de uma tarefa árdua devido à composição elitista dos alunos; a exigência de presença obrigatória durante o dia inteiro dificultava o ingresso de estudantes com poucos recursos e que precisassem trabalhar. Mesmo assim, consegui formar uma base que nunca ultrapassou três militantes e funcionou de forma intermitente.

Quando se deu a renúncia de Jânio Quadros da presidência da República, em agosto de 1961, a turma que ingressara na faculdade nesse ano revelou-se

distinta da anterior e, para minha surpresa, alguns desses calouros tiveram participação nas manifestações a favor da posse do vice-presidente João Goulart. Pouco a pouco, o clima na Escola de Química ia mudando com a chegada de novas turmas, mais numerosas, resultantes da ampliação da oferta de vagas na universidade. O volume de alunos não era acompanhado pela manutenção do nível do ensino, principalmente no que dizia respeito ao tempo de ocupação dos laboratórios pelos alunos.

Com o ingresso na universidade, minha vida ficou muito corrida, pois passava o dia inteiro na faculdade e à noite e aos fins de semana estava frequentemente envolvida nas atividades do Partido. Havia reuniões, em geral realizadas em salas alugadas no centro do Rio, no Edifício Marquês do Herval, para discutir a orientação política do PCB e delinear as tarefas que se colocavam à nossa frente, tanto no meio estudantil quanto junto à população em geral.

Recordo-me que, durante o ano de 1960, estivemos mobilizados em torno da sucessão presidencial. Os comunistas apoiavam o marechal Henrique Teixeira Lott e se empenharam em derrotar Jânio Quadros, o candidato das forças “entreguistas” e reacionárias que, com grandes recursos financeiros e um discurso moralizador, conseguiu eleger-se presidente da República. Nossa participação na campanha do marechal Lott enfrentou sérias dificuldades, pois, embora o candidato defendesse posições nacionalistas, rejeitava o voto de comunistas e era contrário ao estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. Jânio, um experiente demagogo, pronunciava-se pela legalidade do Partido Comunista e pelo estabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética e demais países socialistas, sabendo mascarar seus verdadeiros intentos que, uma vez eleito, se revelaram com a adoção de medidas antipopulares¹².

Naquele ano, após a transferência da capital da República para Brasília, houve eleições para governador do recém-criado estado da Guanabara. O deputado Sérgio Magalhães, pelo PTB, era o candidato das forças progressistas, nacionalistas e de esquerda, e contou com o apoio dos comunistas na tentativa de derrotar Carlos Lacerda, representante da direita e do “entreguismo”. Foi uma campanha extremamente agitada e violenta, tendo resultado na vitória de Lacerda por pequena diferença. Os estudantes estiveram na linha de frente das forças que apoiaram Sérgio Magalhães, mas a direita soube mobilizar-se, dispondo de vultosos recursos financeiros e meios políticos para garantir a eleição de Lacerda, batizado de “o corvo”¹³ pela imprensa comprometida com os interesses populares.

¹² Anita Leocadia Prestes, *Luiz Carlos Prestes*, cit., p. 326-32 e 338-9.

¹³ “Corvo” era um apelido de caráter pejorativo atribuído a Carlos Lacerda por Samuel Wainer, em seu jornal *Última Hora*, ainda antes do suicídio de Getúlio Vargas. O caricaturista Lan costumava desenhar nas páginas desse jornal a figura do “corvo” Lacerda.

O seu desempenho à frente do governo da Guanabara viria a cumprir um papel decisivo na mobilização das forças de direita no país e na conspiração que levou à deflagração do golpe civil-militar de abril de 1964.

Um acontecimento importante para os comunistas foi a convocação e a realização, em agosto de 1960, do V Congresso do PCB. Houve a divulgação das *Teses para discussão* para o Congresso, feita pela direção partidária em abril daquele ano – documento preparatório de cuja discussão pude participar comparando aos encontros partidários então realizados, sem deixar de ouvir as opiniões do meu pai, que eu muito prezava e com as quais concordava. As *Teses*, no fundamental, confirmavam as posições políticas adotadas na *Declaração de março de 1958*. Era reafirmada a estratégia da *revolução nacional e democrática*, ou seja, a visão etapista do processo revolucionário, segundo a qual haveria a necessidade de primeiro eliminar os entraves ao desenvolvimento capitalista do país, supostamente o imperialismo e o latifúndio, para então avançar rumo às transformações socialistas¹⁴.

Estávamos convencidos da justeza dessa concepção da revolução, que seria aplicável aos países que tinham alcançado o capitalismo tardiamente, sem ter eliminado o monopólio da propriedade privada territorial. Em decorrência da tal afirmação, dizíamos que, para alcançar o “poder das forças anti-imperialistas e antifeudais”, o caminho seria a formação de um “governo nacionalista e democrático a ser conquistado pela frente única nos quadros do regime vigente”, embora se ressaltasse que tal governo “dependerá fundamentalmente do apoio de massas”¹⁵. Ao analisar a estrutura de classes da sociedade brasileira, as *Teses* distinguiam na burguesia brasileira “dois setores bem diferenciados: um genuinamente nacional e outro que tem seus negócios ligados num grau maior ou menor ao capital imperialista”, sendo que o primeiro constituiria a imensa maioria da burguesia brasileira. Continuava-se, portanto, a incluir uma suposta *burguesia nacional* entre as forças que participariam da etapa nacional e democrática da revolução brasileira¹⁶.

Analisando com um olhar retrospectivo a presença de tais concepções no imaginário dos comunistas da época, verifico que as devemos considerar fruto do atraso cultural do Brasil e do desconhecimento da realidade brasileira, que nos levava a copiar modelos trazidos de fora, que teriam sido adequados a outros países e em outras épocas¹⁷. Não percebíamos que o capitalismo vinha se

¹⁴ Anita Leocádia Prestes, *Luiz Carlos Prestes*, cit., p. 332-8.

¹⁵ *Ibidem*, p. 332.

¹⁶ *Ibidem*, p. 333.

¹⁷ Ver Anita Leocádia Prestes, “A que herança devem os comunistas renunciar?”, *Oitenta*, Porto Alegre, LP&M, n. 4, 1980, p. 197-223; disponível na página do Instituto Luiz Carlos

desenvolvendo no Brasil com uma burguesia associada e subordinada ao capital internacional e articulada com o latifúndio, sem recorrer, para isso, a transformações de caráter revolucionário.

O V Congresso foi realizado num conjunto de salas no centro da cidade do Rio de Janeiro, disfarçado de “convenção comunista”, o que garantia sua legalidade. Da mesma forma que alguns outros militantes do Partido, fui convidada a assistir a uma das seções do Congresso, ocasião em que tive oportunidade de acompanhar os acirrados debates entre as duas principais tendências então em luta nas fileiras do PCB: a da maioria do CC, encabeçada por Prestes, secretário-geral, que defendia a continuidade da orientação aprovada em março de 1958, vitoriosa no Congresso; e a da minoria, que, embora atuante, na prática defendia as posições sectárias anteriores à *Declaração de março*, ainda que isso nem sempre fosse explicitado por seus partidários, uma vez que esgrimiam contra os adversários a acusação de serem revisionistas¹⁸.

Entre os defensores dessa segunda posição destacavam-se os ex-dirigentes do CC que, recusando-se a reconhecer os erros cometidos pela direção partidária, haviam sido afastados de seus cargos anteriores durante a crise de 1956-1957, como João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar etc.¹⁹. Uma posição especial foi adotada por Diógenes de Arruda Câmara, secretário de organização do CC e dirigente de maior responsabilidade no PCB depois de Prestes, que não se definia com clareza, ensaiando uma tímida autocrítica na expectativa de que talvez pudesse garantir a permanência no CC a ser eleito naquele congresso²⁰. Em 1961, esses dirigentes – com exceção de Arruda²¹ – viriam a romper com o Partido, criando, um ano depois, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB)²².

Prestes: <http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=161:-a-que-heranca-devem-os-comunistas-renunciar&catid=26:documentos&Itemid=146>, acesso em: 30 set. 2019.

¹⁸ Termo usado pelos comunistas para designar os defensores de posições teóricas e políticas que constituem uma revisão, ou seja, uma negação de postulados marxistas fundamentais.

¹⁹ Anita Leocadia Prestes, *Luiz Carlos Prestes*, cit., cap. XII.

²⁰ *Ibidem*, cap. XIII.

²¹ A adesão de Arruda ao PCdoB ocorreu algum tempo depois.

²² Anita Leocadia Prestes, *Luiz Carlos Prestes*, cit., p. 344.